

Análise do Terreno nas Operações Ribeirinhas

Introdução

Ao se tratar do estudo do terreno nas Operações Ribeirinhas (OpRib), a primeira informação que vem em mente é o estudo do mesmo como se esse se limitasse à selva, porém, analisando-se desta maneira, estuda-se o terreno para as Operações na Selva e não para as OpRib.

Em relação às OpRib, o estudo sobre o assunto deve contemplar não somente a selva, mas também os rios e a localidade, pois é neste ambiente maior onde estão, efetivamente, os objetivos da Força-Tarefa Ribeirinha (ForTaRib).

Este artigo abordará a compartimentação do terreno e o levantamento e a identificação de Pontos Críticos nas OpRib.

Compartimento

Segundo o CGCFN-1201¹, “Um compartimento é uma área enquadrada por acidentes do terreno, que limitam a observação terrestre ou os tiros das armas de trajetória tensa para o seu interior”.

Nas OpRib, podemos identificar locais com características diversas relativas à observação e aos campos de tiro; dependendo do local por onde a tropa se deslocará para cumprir a sua missão, poderá haver vários compartimentos. Normalmente, em uma OpRib, a tropa realizará o carregamento tático e deslocar-se-á pelo rio até alcançar um Local de Desembarque Ribeirinho (LocDbqRib). A partir do desembarque, esta tropa mover-se-á por floresta até a orla da localidade, onde, já desdobrada, começará o ataque pela localidade nos moldes de uma operação militar em área urbana. Neste caso em questão, foram observados três compartimentos: um no rio; outro no deslocamento em região de floresta, quando a tropa se aproxima da localidade; outro na própria localidade; e, ainda, havendo uma área descampada no deslocamento da fração, essa poderá caracterizar outro compartimento. Em cada uma das regiões citadas, deve-se analisar como o terreno influenciará as ações da tropa e as ações do inimigo no deslocamento até a conquista dos objetivos. Por exemplo, quando a tropa se deslocar por meio de Embarcação de Transporte de Tropa (ETT), o estudo deverá contemplar os campos de tiro do rio para o próprio rio e deste para a margem, dentre outros aspectos do OCOAV² e, quando já estiver em terra, deslocando-se para a orla da localidade, o estudo deverá

contemplar os aspectos do OCOAV neste novo compartimento. Não obstante, quando a tropa estiver dentro da localidade, haverá uma nova análise do OCOAV totalmente diferente das regiões anteriores.

Pontos Críticos

Nas OpRib os pontos críticos são normalmente confundidos com Acidentes Capitais. A posse de um ponto crítico, região de passagem obrigatória da ForTaRib, proporciona segurança para o deslocamento da Força; caso este esteja em posse do inimigo, proporciona condições favoráveis para o mesmo efetuar emboscadas ou observar nossas tropas.

Tais Pontos, conforme o CGCFN-1-2³, poderão ser:

- *nos rios*: pontes, regiões de passagem (balsa), encontros de rios, ilhas, furos, paranás, curvas dos rios, elevações próximas às margens e regiões propícias à montagem de emboscadas. Devem ser consideradas as variações que o ambiente ribeirinho sofre no decorrer do ano, evitando-se, desta forma, um aproveitamento pelo inimigo de possíveis novos pontos críticos.
- *nas vias de transporte terrestre*: entroncamentos, regiões propícias à montagem de emboscadas; e
- *nas localidades*: áreas que possam ser utilizadas como base pelo inimigo.

Todavia, para identificar tais pontos críticos e documentá-los, existe um método previsto no POpRib⁴ do Comando do 4º Distrito Naval que consiste em: I) colocar a sigla “PCTc” seguido de “TACK” e de um número sequencial de dois dígitos. A sua descrição (se possível foto) será detalhada no que for adequado, por exemplo: tipo de margem, vegetação, elevação, construções, etc. II) Os pontos críticos novos serão designados “PCTcN” seguido de “TACK” e uma letra do alfabeto. A parte de contato (descrição das características) de quem o localizou deve ser sucinta. Conforme o estabelecido, ter-se-á, por exemplo: I) “PCTc-08 → Ponta Alta; rio Jutai; barranco de 4 metros; matagal com 80 metros de extensão na margem; largura do rio de 380 metros”. II → “PCTcN-BRAVO – (informação do He) curvatura do rio próxima a Bacurá; pequena praia com uma embarcação a motor e dois homens”⁵.

¹ CGCFN-1201, Manual de Fundamentos das Operações Terrestres de Fuzileiros Navais, anexo D.

² Análise do terreno que leva em consideração a Observação e os Campos de Tiro, as Cobertas e Abrigos, os Obstáculos (naturais e artificiais), os Acidentes Capitais e as Vias de Acesso.

³ Manual de Operações Ribeirinhas dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais (Reservado).

⁴ POpRib: Procedimentos Operativos para Operações Ribeirinhas na Amazônia.

⁵ Adaptado do Manual de POpRib do 4º Distrito Naval.

Considerações Finais

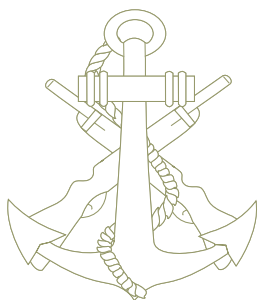
O presente artigo não teve a pretensão de apresentar novos aspectos relativos à doutrina ou à inovação tática, mas teve a intenção de esclarecer algumas dúvidas a respeito do conceito de compartimentação do terreno nas OpRib previsto no CGCFN-1201, além de apresentar o modo como identificar e descrever pontos críticos neste tipo peculiar de ambiente operacional, conforme previsto no POpRib do 4º Distrito Naval, o qual também é empregado pelo 9º Distrito Naval.

Referências

BRASIL. Comando-Geral de Fuzileiros Navais. **CGCFN-1-2**: Manual de Operações Ribeirinhas dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro, 2008.

BRASIL. Comando-Geral de Fuzileiros Navais. **CGCFN-1201**: Manual de Fundamentos das Operações Terrestres de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro, 1989.

BRASIL. Comando do 4º Distrito Naval. **POpRib**: Procedimentos Operativos para Operações Ribeirinhas na Amazônia. Belém: 2003.



CF (FN) Guilherme César Stark de Almeida
stark.guilherme@gmail.com

CC (FN) Márcio Rosetti
rosetti@pescf.n.mar.mil.br

GptOpFuzNav - Haiti 14º Contingente: desafios e mudança de paradigmas



Figura 1: Integrantes do Componente de Comando e CASC.
Fonte: SecComSoc do GptOpFuzNav – Haiti 14º Contingente.

reestruturação desse país que, durante todo o século XX, foi assolado por guerras, revoluções, desvio de dinheiro público e corrupção.

Após a conquista e a manutenção de um ambiente favorável à integração, proporcionada pelos contingentes anteriores, a situação atual mudou. A cada dia, torna-se mais importante a ajuda humanitária, uma postura menos agressiva da tropa, um melhor relacionamento com órgãos do governo haitiano e da ONU, um melhor relacionamento com a Polícia Nacional Haitiana (PNH), enfim, é necessária uma mudança de rumo por parte do comando da MINUSTAH, devido à nova missão dada ao contingente militar, após a assunção do novo presidente do Haiti, em maio de 2011.

Introdução

A criação da MINUSTAH¹, pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, em 30 de abril de 2004, tinha a finalidade de restaurar a ordem no Haiti, após um período de insurgência e a deposição do presidente Jean-Bertrand Aristide. A missão tinha como objetivo manter um ambiente seguro e estável para que organismos internacionais e Organizações Não Governamentais (ONGs) pudessem agir por meio de ajuda humanitária e apoio à reconstrução do Haiti, tanto na área social quanto política, auxiliando na

¹ MINUSTAH: United Stabilization Mission in Haiti – Missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti.

A Missão

O período da missão do 14º Contingente foi dividido em duas partes bem distintas. A primeira caracterizada pela postura pré-eleições presidenciais de segundo turno, a divulgação do resultado final e o período até a assunção do novo Presidente Sr. Michael Martelly, em 14 de maio de 2011. Nesta fase, prevaleceu, efetivamente, as operações militares e a presença da tropa nas ruas. Após a assunção do novo Presidente, a segunda fase caracterizou-se por uma postura militar da tropa, aparentemente, menos agressiva, visando à demonstração da “pseudosegurança” do país aos órgãos da ONU e organismos internacionais.